

GEOGRAFIA – ISSO NÃO SERVE PARA FAZER NADA

Autor: Jean Pires de Azevedo Gonçalves

Senhores, em nome de todas as nossas reminiscências, de todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram, uma última saúde! A taverneira aí nos trouxe mais vinho: uma saúde!

(Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*)

A queda do muro de Berlim teve o mesmo impacto histórico da queda da Bastilha, porém, ademais o significado nem um pouco figurado do substantivo em comum, seus efeitos foram diametralmente opostos. Enquanto o êxito da Revolução Francesa abriu espaço, no contexto sócio, político e cultural, durante todo o século XIX e XX, às aspirações progressistas do partido popular, como nunca antes, nem mesmo na democracia ateniense ou na república romana, o malogro da Revolução Russa legou, para o século XXI, uma onda de conservadorismo crescente, cuja influência se faz sentir em todas as esferas da sociedade atual.

Passadas poucas décadas, os entulhos do muro tornaram-se ruínas de um museu a céu aberto aparentemente tão antigas e exóticas quanto as pirâmides do Egito ou, em sua versão mais espetacular, souvenir destinado ao consumo de visitantes de parques temáticos dignos de um “Jurassic World”. Vestígios de um passado soterrado em seus próprios escombros, hoje é rota obrigatória de turistas deslumbrados e preocupados em registrar em imagens a “história concreta”, cenário de selfies sorridentes compartilhadas instantaneamente por milhares de internautas no ciberespaço, enquanto o guia turístico, ao fundo, se esforça, por mais que pouca atenção lhe seja dispensada, a repetir a ladainha da qual, no final, o bem sempre triunfa o mal. Mensagem edificante, sem dúvida, inspirada pela narrativa dos vencedores, que, na ausência dos antigos rivais, abusam de seu real papel na história, agora purificada em enredo hollywoodiano. Mas, ao deixar para trás Berlim unificada, apressadamente em direção a uma outra atração turística, talvez o Coliseu em Roma ou as colunas da Acrópole ateniense, o turista, examinando a data da passagem de retorno, se detém consigo mesmo, lembrando dos inúmeros compromissos que o aguardam na volta, encerrada a temporada de férias. Diante de tantas coisas mais importantes e urgentes da vida cotidiana, a história não é

senão um passatempo dentre tantos outros. No ano seguinte, o roteiro turístico pode levar à Disneylândia ou as Cataratas do Iguaçu.

Constatação chocante para parte dos herdeiros dos Revolucionários de Mariane. O prestígio da ciência da História foi rebaixado à mera mercadoria da indústria do entretenimento. Sim, pois, para os proponentes do socialismo científico, o tiro saiu pela culatra; ironicamente, *a missão histórica do “proletariado”*, detentora da razão, operou, para grande perplexidade de seus partidários, que a tinham como trunfo de uma última cartada infalível, a favor do capital: as condições objetivas abandonaram as certezas do socialismo científico na mesma proporção em que os desertores do socialismo real pulavam o muro ideológico para desfrutar do sabor da Coca-Cola ou do Big-Mc e, depois, assistir o filme “De volta para o futuro” num incrível videocassete.

Já para a opinião pública, o fracasso das nações socialistas demonstrou cabalmente não só a inconsistência de um tal projeto socialista, como também a mácula de todos os seus vícios. Realmente, os líderes da foice e do martelo colaboraram em muito para isso, na medida em que a cúpula do Partido Comunista tornou-se uma casta de privilegiados insensíveis aos sofrimentos do povo, ao qual muitas vezes vivia na mais absoluta pobreza. Afinal de contas, os heróis da esquerda não almejavam secretamente o mesmo que seus inimigos da direita, acrescentando-se-lhes, ainda, uma dose de hipocrisia; pois, não almejavam também, como de fato obtiveram, riqueza e poder? Ora, não foram figuras como Stálin ou Ceausescu que por si só colaboraram mais do que ninguém para o desencanto do paraíso por trás da cortina de ferro, com seus *gulags* e, acima de tudo, extermínio em massa? Infelizmente, a URSS não eram as palavras lindas do poeta Maiakovski. Também o socialismo estava imaturo para o amor!

Já o capitalismo provou que a liberdade podia ser reduzida às possibilidades de consumo daqueles poucos que estão totalmente integrados à economia de mercado. (A maior parte da população mundial, porém, está fora). No mundo sob a égide do dinheiro, a igualdade é uma quimera, tanto quanto a solidariedade, viável somente no excedente circunscrito à margem de lucro e compatível à caridade filantrópica. Para os arautos do capital, conforme a tradição dos velhos ditames do pensamento conservador, o ser humano está mais para as lições de Hobbes do que para os devaneios sentimentais do “bom selvagem” de Rousseau – este pai desnaturado com pretensões a pedagogo. O “homem” é mau por natureza e, desde que o mundo é mundo, sempre existiram ricos e pobres, senhores e escravos, conquistadores e servos etc. Essa é a ordem universal das

coisas, podendo ser verificada até mesmo numa comunidade de babuínos. É inútil alterá-la.

Nesse sentido, o capitalismo, como uma via de mão única, foi entronado ao posto de corolário lógico da história que é, ao mesmo tempo, o próprio fim da História (momento pleno de racionalidade), ao negar a própria historicidade para reafirmá-la enquanto apogeu teleológico do capital.

Na história sem o nexó racional do movimento dialético, escopo da razão que se revela em seus resultados e, ao mesmo tempo, indistinta do entretenimento, a circulação da mercadoria é a única portadora de racionalidade possível: a equivalência do valor de troca. Sob seu imperativo, toda sociedade se mobiliza em torno da relação de *compra e venda*, mas, se possível, da diversão também, concebível no tempo livre de consumo. Fora dos limites mercantis, não há espaço para ilusões de futuro alternativo, mesmo diante da iminente hecatombe ambiental provocada pela Era Industrial. Apesar disso, tampouco é o fim das utopias, como tanto fora alardeado quando da derrocada do socialismo no leste europeu. Novas utopias ressurgem, como a *democracia*, o *Estado de direito* e aquela que, mais do que qualquer outra, promete redimir todos os males da humanidade: *o mercado*. Como um *deus ex machina*, o mercado aparece como a única entidade, ética, imparcial e objetiva, capaz de purgar todas as mazelas e os pecados da natureza humana.

Do neoliberalismo em voga no início dos anos 80 mas, principalmente, a partir dos anos 90, quando mal dissipava ainda a poeira dos escombros do muro de Berlim, duas perspectivas utópicas concorreram entre si pela vaga deixada em aberto no estafe ideológico do fim da Guerra Fria: uma utopia positiva (Friedman) e outra negativa (Kurz) [este autor encontrou especial acolhida no Brasil e em Portugal]. Ambas reduzem a complexidade das relações sociais, culturais, políticas e econômicas à mão invisível do mercado. Nada de real nelas está fora dos cálculos e dos jargões econômicos. Tudo o que foge da rígida relação produção-consumo é visto com maus olhos e não concernentes, como a originalidade, a ousadia, a inovação, o experimentalismo, a irreverência, a contestação, a subversão, a criatividade, a arte, a revolução, a humanidade. A abstração encarnada no “homem médio” da cultura de massa e indústria cultural é a única possível nesta cidade do sol da mercadoria. No interior de seus muros, onde tudo é média estatística ou ativos, a loucura e a genialidade são perigosas e devem ser evitadas, pois, tudo que escapa ao perfil do cidadão consumidor é perturbador e põe em risco a *aurea mediocritas*, da qual estas duas

perspectivas não podem sair, causando então mal-estar e merecendo o ostracismo no manicômio metafórico da exclusão e da não-existência social. Aqui e alhures, somente é permitido diferenças rigorosamente inofensivas, absorvidas pelo padrão de consumo. Os milhares de seres humanos (homens e mulheres) que não são nem *Homens* nem *cidadãos* dessa utopia em decomposição perene são condenados ao desterro em paisagens áridas e desérticas da não circulação de mercadorias. Entre o ser e o não ser, repete-se indefinidamente em cada indivíduo não “monetizado” as aflições de um Hamlet, eternizadas pelo bardo inglês: “Quem suportaria o azorrague e o desprezo do tempo, os erros dos déspotas, as afrontas do orgulho, as torturas do amor não correspondido, as delongas da justiça, a insolência do poder, os pontapés que o mérito paciente recebe dos indignos, se pudesse encontrar a paz para si mesmo, na ponta dum punhal?” *Os pontapés que o mérito paciente recebe dos indignos!* Sem dúvida, nada de grandioso, honesto e digno pode aspirar à existência; nada de sublime pode ser desejado. Nessa república sem amor, sem paixão, os poetas são sumariamente expulsos, simplesmente porque não podem ser estimados pela abstração quantitativa do preço vil. Toda dúvida recai apenas no ato de comprar ou não comprar: um smatphone, um notebook, um televisor led! No entanto, a natureza indolente dos humanos, movida por instintos imprevisíveis, põe sempre tudo a perder. “Ah, se não fosse os seres humanos”, poderia lamentar um adepto destas utopias!

Todavia, como diz o ditado, “nem tudo que reluz é ouro”, mas, mercadoria, valor em constante obsolescência, e sob seu conteúdo instável e evanescente as possibilidades de consumo são sempre determinadas pelo maior poder aquisitivo. Funda-se então na Berlim etérea da economia monetária um novo *apartheid* social, dividindo compradores de não compradores, autômatos consumistas de minorias (sem dinheiro) que são maiorias!, num cenário sombrio em que o nazifascismo dos anos 30 e 40, se comparado, seria apenas uma caricatura bizarra. Da concorrência e do individualismo feroz, emerge a realidade verdadeira, nua e crua, a qual transcende de longe a forma mercadoria e seu rastro seguido por uma multidão de avarentos cuja sobrevivência depende de suas permanências no interior do templo do deus-mercado. De fato, por detrás das ideias das utopias neoliberais, novos muros de concreto são erguidos pelo mundo afora: muros étnicos e muros que separam classes sociais, às vezes, países e continentes inteiros. Dissipada a ilusão da ontologia utópica (positiva ou negativa) inspirada pelo mercado, reaparecem as reais relações de poder, nem um pouco mediadas, as contradições e a exploração. No seio da sociedade, multiplicam-se

conflitos entre excluídos que a esquerda desmoralizada não pode mais representar e incluídos representados por uma direita totalmente despudorada, da qual, entre suas fileiras, sobressaem patrulhas de grupos neofascistas, em defesa do *stablishment*, e que fazem coro aos gritos insanos de um general franquista: “Morte à inteligência!”

Exemplos não faltam, como passeatas de rua, que mais se parecem um circo de horror, sem apresentarem reivindicações e intransigentes ao debate, ao ostentar apenas ódio e intolerância e um apelo à força bruta, como tentativa desesperada de salvaguardar a ordem social; humoristas sem graça, trajados de terno e gravata! (mais se assemelham a executivos, políticos e juízes), e artistas sem talento, todos reacionários e ignorantes, a vomitar cantilenas das mais esdrúxulas e retrógradas; fóruns de discussão na internet recheados de comentários preconceituosos e agressivos, sem conteúdo algum; jornalismo tendencioso, parcial, mentiroso; etc.

Nesse contexto, a ciência não é uma exceção à regra. (Na verdade, isso não é tão surpreendente assim, pois a ciência, pelos menos desde o século XIX, sempre se prestou a justificar o *status quo* colonialista e eurocêntrico). O emprego das técnicas e tecnologia para criar objetos encantados e atraentes do ponto de vista do consumo subjugam todo conhecimento às determinações da produção em série e quase instantânea. A inovação é consentida, desde que dentro de conceitos totalmente estandardizados e prescritos pelas pesquisas de *marketing*. Também as ciências humanas esvaziam seu conteúdo crítico e incorporam o espírito da organização empresarial, cuja maior concessão honrosa atribuída a um professor universitário é a mesma de um gerente de banco, ocupados obsessivamente em bater metas. Nietzsche já havia alertado sobre o caráter mesquinho do cientista (“homem teórico”), em sua confiança cega – e ao mesmo tempo estúpida – no saber (conceitual); *homem teórico* que, na definição do grande filósofo, não era senão “homem alexandrino”, bibliotecário e revisor. Mas nada como o cientista alienado, restrito à sua área específica de conhecimento, tecnocrata prepotentemente e especialista burro, que se contenta em corrigir o mundo, de dentro de seu minúsculo feudo, através da técnica e dos poderes mágicos do deus-mercado. De tal personalidade, das profundezas vazias do seu ser, só se retém as aparências de uma postura cuidadosamente afetada, cuja vaidade despropositada e ridícula, tamanha sua insignificância, é incrementada, porém, pelo poder hierárquico auferido pelo cargo, moeda de troca de inúmeros abusos¹.

¹ A verdade é que muitos estão muito aquém do nível que se espera de um especialista medíocre, como é caso de tipos como o Wagner.

No decurso da modernidade, a ciência foi monopolizada pela universidade, que também se prestou a mero instrumento da burguesia. Isso não impediu, porém, que elementos extremamente progressistas, de origem burguesa, surgissem de seu meio ou que intelectuais oriundos das classes não burguesas, como, no caso do Brasil, Florestan Fernandes e Maurício Tragtenberg, entre outros, encontrassem na academia espaço para uma atuação brilhante. A propósito, com o fim do verdadeiro movimento socialista em 39, término da Guerra Civil Espanhola, a universidade foi o único palco de onde brotavam questionamentos à ordem social e mesmo espaço de subversão. Não por acaso, Maio de 68 foi protagonizado por estudantes e, às vezes, professores. Entretanto, a universidade também tem seus modismos, e autores consagrados de hoje de uma hora para outra saem de moda, juntamente com a “verdade eterna” de seus ensinamentos, para dar lugar a uma “nova onda”, dessa vez encerrando em definitivo as querelas acerca do conhecimento... Claro, até a próxima estação! Desnecessário dizer que os autores em moda representam os anseios da conjuntura do momento, ou, para usar uma expressão mais elegante, muito a gosto da academia, o “espírito de época”. Na atual fase pós-queda do muro de Berlim, a universidade recrudescer sua antiga vocação conservadora, advogando uma total separação entre ciência e sociedade e orientando suas pesquisas através da produção de conhecimento supostamente desinteressado, diga-se, ciência “neutra”: tecnologia. [Segundo Paulo Henrique Amorim, em entrevista a Luis Nassif sobre seu livro *O quarto poder*, o jornalismo dos Estados Unidos usa uma expressão, evidentemente inspirada no Mito da Caverna, que diz que “o âncora é aquele que fica numa caverna, dizendo às pessoas que estão lá fora o que é que está acontecendo lá fora”. Podíamos parodiar essa frase e dizer, com algumas diferenças, que o professor universitário é aquele que fica numa caverna, dizendo às pessoas lá de fora que lá fora é exatamente igual à realidade da caverna].

Já no caso da geografia, esta surgiu como ciência acadêmica ostensivamente a serviço dos Estados nacionais e do imperialismo, tendo evidente caráter reacionário. Mais ou menos na década de 70 (século XX), a geografia, no entanto, tentou romper com seu passado filando-se tardiamente ao marxismo e, daí em diante, se transformou na última vanguarda de um movimento crítico e contestador dentro da universidade quando críticas contundentes ao marxismo-socialismo já se avolumavam em todas as outras disciplinas universitárias. Contudo, a partir dos anos 90, mas principalmente na primeira década dos anos 2000, e a perspectivas para o futuro não são muito melhores, houve um refluxo drástico dessa geografia crítica, surgindo em contrapartida uma

reação altamente conservadora. Nesse contexto, se antes se tinha clareza do papel da geografia como ideologia justificadora dos grandes potentados imperialistas, agora seu passado é atenuado, dando lugar a uma apologia delirante da relevância da geografia para as ciências. Por outro lado, nos bastidores departamentais, mais especificamente no âmbito da antinomia burocracia-criação, a primeira tem atraído muito mais seus quadros do que a segunda, porque, de certo modo, a burocracia é o jeito mais fácil de ascender profissionalmente e, acima de tudo, aderir a um grupo político dominante². Por isso, não é o mérito que está em jogo, este é forjado, antes, por uma estrutura social e econômica injusta e, ao nível das instituições, por uma série de práticas obscuras, quase sempre resultadas de manobras antiéticas, cujo processo desleal é no final esterilizado sob a aparência de insidiosa legalidade, culminando por fim em premiações bajulatórias. Em paralelo, internamente à corporação, constitui-se uma espécie de hegemonia da mediocridade, contente por nivelar tudo por baixo e inibir assim eventuais guerras de ego, que, diante de perspectivas criativas, instaura uma inescrupulosa caça às bruxas, objetivando sempre a manutenção da normalidade. Essa tendência burocrática, monótona, corporativa e, acima de tudo, revisionista (apologética e histórica) da geografia seria cômica – pois a sociedade em geral não dá a mínima para a suposta importância da geografia enquanto ciência – se não ocultasse um aspecto perigoso, que pouca importância tem do ponto de vista do conhecimento, mas não do ideológico. Ela é reflexo de inúmeras tendências fascitoides que, como vimos, ganham espaço cada vez maior na sociedade.

Felizmente, há ainda nas universidades pesquisadores comprometidos com o conhecimento criativo e que se recusam a compor a tecnoburocracia. É bem verdade que são elementos isolados e marginalizados. Mas encontram na academia brechas de onde conseguem resistir à normatização organizacional. Essas pessoas compreendem bem a verdadeira finalidade da ciência – tanto nas ciências humanas como nas ciências exatas e biológicas – que é, de um lado, a recusa de todo discurso taxativo detentor de uma verdade absoluta e, de outro, a percepção de que n possibilidades reais se constituem como virtualidades sempre abertas para o novo e imprevisível. Nesse sentido, todo discurso que se recobre do aval científico para afirmar peremptoriamente qualquer aspecto da realidade, no fundo, limita a realidade infinita ao cabresto de um repertório conceitual finito, e por traz de sua pretensa imparcialidade, sempre se

² Estes grupos agem como verdadeiras quadrilhas no sentido de angariar capital político contra possíveis adversários. Sem dúvida, aí não é o conhecimento que está em jogo, apenas o poder pelo poder.

esconde um engajamento político, dissimulado pelos malabarismos da retórica. Mas a verdadeira ciência não se obriga a prestar homenagem a autoridades nem a engolir os cânones de certa tradição do conhecimento. A postura mais apropriada ao trabalho intelectual é, em primeiro lugar, abster de todo caráter profético, evitando correlatamente o dogmatismo escolástico e a fé intransigente na autoridade dos textos canônicos, e, em segundo lugar, ter clareza de que não existe ciência imparcial, que todo conhecimento se presta a algum interesse, político e econômico. A ciência que se diz neutra é como um camaleão que, oportunista, adquire as cores de um determinado ambiente para se omitir quando em perigo ou atacar suas presas.

Contudo, apesar de realmente existirem pesquisadores sérios na academia, o fato é que esse espaço está cada vez mais fechado e propenso à burocratização crescente, sempre tendo em vista o modelo de empreendimento empresarial. Talvez a verdadeira ciência, isto é, a *ciência libertadora das alienações*, num contexto como o descrito acima, deva novamente romper com as instituições dominantes, estagnadas em disputas de poder pelo poder, e *se voltar ao mundo*, enquanto *ciência da vida* (no caso da geografia: uma *geografia da vida*).

O presente texto será introdutório de uma série de outros textos que pretendo publicar nos blogs “Geografia – isso não serve para fazer nada”, “Geografia X Anarquia” e “Atualidade da Geografia”. Vale a pena fazer algumas considerações sobre a asserção que o intitula, isto é, “Geografia – isso não serve para fazer nada”. Todo estudante de linguística ou de lógica sabe que as “línguas naturais” carregam sempre ambiguidades. No caso da sentença, formulada quase como um ato de desespero, no intuito de encontrar uma finalidade para a geografia, a saber, “a geografia serve para fazer a guerra”, é possível, por meio da negação determinada (dialética; juízo reflexivo), descobrir sua antítese: *a geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a paz!* Nesse caso, *paz* não é totalmente o oposto de guerra, mas implica a síntese que define um *estado de guerra contra a guerra*. Esse é o sentido profundo do pacifismo. Com respeito ao mencionado título deste artigo, o advérbio “não” produz um efeito de antagonismo, aduzindo um sentido positivo e outro negativo. O primeiro, de inerência, reafirma o sentido atual e expresso da sentença, ou seja, a geografia de fato não serve para fazer nada. O segundo, de reflexão, isto é, da relação necessária de termos em uma totalidade definida, nega o sentido expresso da primeira sentença pressupondo o seu contrário, que a geografia *não* (!) serve para fazer nada ou *não fazer nada*. A forma é a mesma; os conteúdos, contraditórios. Portanto, a segunda proposição contém uma

virtualidade, uma ruptura com o marasmo da geografia expresso na primeira sentença e que está posto. A negação do “fazer nada” pressupõe uma possibilidade de a geografia, desde que implodida por dentro, possa um dia ser útil à sociedade – utilidade que não deve ser entendida como utilitarismo, mas como conhecimento que responda a questões cruciais da humanidade, como a crise ambiental e a superação da sociedade de classe. Essa geografia deve estar comprometida a uma nova forma de apropriação coletiva, responsável e mesmo simbiótica, da natureza, tendo por finalidade o bem estar de toda a humanidade e a preservação do planeta e suas formas de vida. Isso é muito diferente do que existiu até aqui e, de fato, nada tem a ver com desenvolvimento sustentável e o crescimento econômico. A geografia deve se reinventar, através de um novo paradigma social, antiestatal e antieconômico, o que implica todo repúdio a sua história e seus ídolos.